

# Presente e futuro nos 35 anos do SNS



■ Miguel Guimarães\*

O ministro da Saúde publicou um artigo no jornal Expresso de 13 de setembro de 2014 em que elogia o Serviço Nacional de Saúde (SNS) e o seu trabalho como líder do Ministério.

A essência e a mensagem do texto são claras. Temos um SNS prestigiado, fundado nos valores da solidariedade e justiça social, com indicadores de saúde que demonstram de forma inequívoca a qualidade do nosso serviço público de saúde e que resulta essencialmente da dedicação, qualidade e competência dos profissionais de saúde. Estamos de acordo.

No entanto, sublinhar, na actualidade, a atenuação de assimetrias estruturais, sociais e territoriais, o investimento na formação e na investigação, a aposta na existência de cuidados altamente diferenciados e a qualidade dos tratamentos para todos e não apenas para alguns, é distorcer a política que tem sido seguida nos anos mais recentes.

Nos últimos anos todos nós, doentes e profissionais de saúde, temos a percepção que o SNS está a retroceder a «olhos vistos». Não são necessários muitos dados estatísticos para entender que a Saúde dos portugueses depende cada vez mais de cada um de nós e menos do Estado. O património genético do SNS nunca esteve tão em risco. Infelizmente,

A política de Saúde do Ministério está claramente a «empurrar» os doentes para o sistema de saúde privado e convencionado. De resto, não é possível diminuir de forma brutal o orçamento de Estado para a saúde (duplicaram os cortes propostos pela troika) e continuar a oferecer cuidados de saúde com a mesma qualidade.

## Cortes já aplicados no financiamento do SNS comprometeram a qualidade e o acesso

Os dados preliminares de um estudo realizado em 2013 pelo ISCTE-IUL e a Ordem dos Médicos, envolvendo 3448 médicos e centrado na sua experiência profissional quanto à aplicação das medidas após a intervenção da *troika*, revelam que 80% dos médicos considera que os cortes já aplicados no financiamento do SNS comprometeram a qualidade e o acesso aos cuidados de saúde. Cerca de 50% dos médicos afirmam que os doentes faltam mais às consultas e apontam como principais motivos os custos relacionados com as taxas moderadoras e os transportes. Mais de 60% dos médicos referem abandono frequente de terapêuticas no SNS devido a incapacidade financeira invocada pelos doentes. Por outro lado, 65% dos médicos afirmam que existem faltas recorrentes de material para o exercício da profissão, e cerca de 60% consideram que a qualidade do SNS foi afectada pelo menor acesso a actividades de formação, referindo 80% terem menos tempo para orientação de médicos internos.

As assimetrias no acesso aos cuidados de Saúde têm-se agravado. O valor das taxas moderadoras e falta de apoio nos transportes seriam suficientes para entender o exacerbar da situação. Mas uma leitura atenta do último relatório da OCDE sobre «Variações Geográficas nos Cuidados de Saúde» confirma o que todos sabemos: Portugal é dado como exemplo da má distribuição de cuidados médicos. E se adicionarmos a legislação recentemente publicada sobre reforma hospitalar, a situação é dramática. Está previsto no papel o encerramento de centenas de serviços de várias especialidades médicas por todo o país, destruindo o acesso a cuidados de saúde de proximidade. De resto, continuam a existir, de forma incompreensível e injusta, assimetrias regionais importantes no financiamento per capita que ofendem gravemente o princípio da equidade e a eficiência do sistema.

## Desinvestimento na investigação, no desenvolvimento tecnológico e na formação é alarmante

Por outro lado, e contrariamente ao anunciado, o desinvestimento na investigação, no desenvolvimento tecnológico e na formação é alarmante. A qualidade da formação dos profissionais de saúde com base na existência de carreiras sólidas e estáveis é a pedra angular do nosso SNS.

É, pois, inaceitável que o ministro da Saúde não tenha concretizado na prática a defesa do SNS, desprezando a essência da sustentabilidade do sistema: apostar forte na qualidade para controlar os custos de forma sustentada.

É abusivo falar em medicina personalizada e em tratar principalmente pessoas, quando a implementação da política de Saúde seguida vai precisamente no sentido contrário. Existem cada vez mais barreiras entre os doentes e os médicos (e não são apenas informáticas), cada vez é mais escasso o tempo para a relação médico-doente, cada vez a medicina é menos humanizada e personalizada, tudo no superior interesse e desígnio de obter números para colorir favoravelmente as manchetes dos jornais. E para agravar a situação, o desgaste constante da imagem pública dos médicos na comunicação social atingiu uma dimensão absolutamente intolerável. Parece demasiado evidente que os responsáveis pela Saúde em Portugal tratam os doentes como números e não como pessoas como deveria ser. Inadmissível.

No que diz respeito à eficiência das auditorias e inspecções, já todos entendemos os caminhos contraditórios que muitas vezes percorrem os meandros da actividade política centrada nas instituições e organizações dependentes do Ministério. Um exemplo recente é a questão relacionada com a morte de dois doentes no Hospital de Santa Cruz, em que estranhamente a inspecção realizada pela IGAS, e portanto pelo Estado, ignorou que as indicações clínicas eram contrariadas por «razões logísticas», da responsabilidade da administração do Centro Hospitalar Lisboa Ocidental. A Ordem dos Médicos documentou de forma objectiva o potencial e grave prejuízo decorrente dos cortes orçamentais. Um exemplo que mostra que não se pode confiar no Estado a inspecionar-se a si próprio. Termina sempre auto-ilibado.

## Elogio aos profissionais

Numa altura em que se assinalam os 35 anos do SNS, é a todos os profissionais de Saúde que deve ser endereçado o nosso elogio. São eles que, diariamente, se empenham em garantir a melhor prestação de cuidados para a população e continuam a prestar um relevante e indispensável serviço à comunidade. Esperemos que as reformas da Saúde, num futuro próximo, possam valorizar — e não amesquinhar — o elevadíssimo grau de diferenciação e competência dos nossos profissionais de saúde. A mudança também tem que passar por aqui.

\*Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos

NR: Entretítulos da responsabilidade da Redacção